



## Usos e abusos da tradição Folclorismo e objectificação

História oral, usos da memória e práticas do património  
Sessão 5 – FCSH-NOVA, 14 de Julho de 2017

# I. Usos políticos da cultura

“A invenção da tradição implica um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas, de natureza ritual ou simbólica, que visam incutir certos valores e normas de comportamento através da repetição, e estabelecer uma continuidade com um passado histórico apropriado” **(Hobsbawm, Eric & Ranger, Terence (eds.). 1983. *The Invention of Tradition*. Cambridge: Cambridge University Press).**

“A tradição é a persistência do passado no presente, e pode ser alterada em função de expectativas futuras. A defesa de uma tradição implica alguma consciência, a consciência da tradição implica alguma invenção, a invenção da tradição implica alguma tradição. (...) os sistemas simbólicos devem ser pensados como dinâmicos, atendendo ao tempo histórico da sua produção, e desse modo, a mudança comporta também a persistência do passado” **(Sahlins, Marshall. 1985. *Islands of History*. Chicago: University of Chicago Press)**

“qualquer tradição representa um aspecto da organização social e cultural contemporânea, no interesse da dominação de uma classe específica, como uma versão do passado que pretende conectar-se e ratificar o presente, oferecendo um sentido de continuidade” **(Williams, Raymond. 1977. *Marxism and Literature*. Oxford: University Press).**

## Patrimonialização e objectificação

A “objectificação” designa o modo como determinados traços culturais são transformados em coisas, que devem ser estudadas, catalogadas e exibidas. O que implica um processo de seleção e reinterpretação. O objectificador olha para um meio que lhe é familiar e descobre que é composto de traços tradicionais, coisas, que ele retira de um contexto adquirido e transforma em espécimes típicos (...) Coisas, que, ao atraírem a atenção dos objectificadores, são descontextualizadas e recontextualizadas deixando de significar a vida social e cultural dos grupos nos seus próprios termos, para se transformarem em emblemas identitários subjetivos, exibidos como património cultural (Handler, Richard. 1988. *Nationalism and the Politics of Culture in Quebec*. Madison: The Wisconsin University Press).

Os processos de patrimonialização imprimem nos objectos uma espécie de segunda vida: “uma vida como exibição de si mesmos” Depois de despojados da função inicial da primeira vida, vivem uma segunda vida, como testemunhos de algo que deixaram de ser. O mesmo acontece com as práticas da cultura quando objectificadas, ao viverem uma primeira vida coincidente com a vida social e cultural das comunidades, e uma segunda vida recriada por discursos patrimoniais, construídos por eruditos e outros agentes culturais (Kirshenblatt-Gimblett, Barbara. 1998. *Destination Culture. Tourism, Museums, and Heritage*. Berkeley. University of California Press).

## A mercantilização da cultura

A mercantilização da cultura, do património público e da natureza, como espectáculo e lazer, assim como a exploração da autenticidade e da criatividade popular, pressupõe atribuir um preço a coisas que na realidade nunca foram produzidas como mercadorias (**Harvey, David. 2005. *A Brief History of Neoliberalism*. Oxford: Oxford University Press**).

O valor simbólico das práticas culturais, associadas a contextos específicos da vida das comunidades, transforma-se num valor estético de exaltação de identidade, apropriado por uma “economia protecionista” que se renova em períodos de recessão (...) e “subtrai aos usuários o que apresenta aos observadores”, na medida em que transforma um sistema de práticas (e uma rede de praticantes) num produto utilizado para fins comerciais e turísticos (**Certeau, Michel de; Girard, Luce; Mayol, Pierre. 1996. *A invenção do quotidiano: 2. morar, cozinhar*. Petrópolis, RJ: Vozes**).

O património cultural transforma-se num espelhamento de uma sociedade desdobrada em mercadoria e espectáculo que é necessário “atualizar”. “Atualizar” significa tornar presente o que deixou de o ser, subtraindo-o da temporalidade atribuída ao passado, para lhe conferir um “poder de contemporaneidade” (**Jeudy Henry-Pierre. 2008. *La machinerie patrimoniale*, Paris, Circé**).

## II. Os tempos do Cante Alentejano



O Cante alentejano reage aos desafios de uma sociedade em permanente transformação, e exprime uma tensão progressiva entre experiência e expectativa, que nos remete à parcialidade das suas múltiplas interpretações e representações. A experiência é o passado presente, a constituição de memórias individuais e colectivas, por meio das quais o cante foi incorporado e pode ser recordado. A expectativa está ligada ao pessoal e ao interpessoal, e realiza-se no hoje, direccionada para o devir, para o não experimentado, para o que apenas pode ser previsto (Koselleck, Reinhart. 2006. *Futuro Passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos*, Rio de Janeiro. Contraponto, p. 309-310).



# 1. “Cultura Popular” e construção da Nação (finais do séc. XIX)

Uma nação deve possuir um passado comum e uma “cultura popular”, construídos por meio de processos de selecção, categorização e recontextualização numa versão autorizada e intemporal do “povo”, enquanto essência da nação (Leal, João. 2000. *Etnografias Portuguesas (1870-1970). Cultura Popular e Identidade Nacional*, Lisboa, Publicações Dom Quixote).

O regresso a um povo ao qual se cortou a palavra para melhor o domesticar, sustenta a idealização do popular. Aliás, já que o povo não falava, podia pelo menos cantar, e “o prazer experimentado pela auréola popular que cobre melodias inocentes está precisamente na base de uma concepção elitista da cultura” (Michel de Certeau e Dominique Julia, «A beleza do morto»: o conceito de «cultura popular», in Revel, Jacques .1989. *A Invenção da Sociedade*, Lisboa: Difel, pp. 49-75).



O rancho misto de cantadoras de Vila Verde de Ficalho que se exibiu no Casa do Alentejo, em Lisboa, na noite de 30 de Novembro de 1940

A primeira alusão aos cantares no Baixo Alentejo data de 1886, da autoria de Francisco Manuel de Melo Breyner, Conde de Ficalho (1837-1903), onde o Cante surge ligado à dança: “ficavam horas no baile, andando à roda n’um passo vagaroso, cantando em coro as modas lentas, entoadas em terceiras, prolongadas em sonoridades singulares e doces” (Marchi, Lia, Piedade, Celina da, e Manuel Morais. 2010. *Caderno de Danças do Alentejo*, vol.1, Pédexumbo).

## 2. “Folclorização” e Estado Novo (1933-1974)

A “folclorização” designa o processo de construção e institucionalização de práticas performativas, tidas por tradicionais, constituídas por fragmentos retirados da cultura popular, em regra, rural, com o objectivo de representar a tradição duma localidade, duma região ou da nação (**Castelo-Branco, Salwa (dir.). 2010. *Enciclopédia da música em Portugal no século XX*. Vol.2. Lisboa: Círculo de Leitores. p. 508-512).**



Sarau organizado pelo Grémio Alentejano (Casa do Alentejo), a 22 de Março de 1937, no Teatro São Luís, com os grupos corais de Mértola, Vidigueira, Aldeia Nova de São Bento, Vila Verde de Ficalho, e a orquestra Sinfónica da Emissora Nacional, dirigida pelo maestro Pedro de Freitas Branco (1890-1955). Para assinalar a participação no evento, o cantador António Soares, do grupo coral de Vila Verde Ficalho, versejou: **“Esta noite sonhei eu /Um sonho muito feliz/ Sonhei que estava cantando / No Teatro São Luís”**

## Resistência quotidiana e repressão

Pago voluntariamente em 23 de Julho de 1935.

Arquivo-se.

O chefe da Secção Administrativa,

*Manny Luiz de Jesus*

Guarda Nacional Republicana

Batalhão n.º 3

Companhia

Auto de *Prisão*

St. 30

Ass. *dezenas*

dia do mês de *Julho* do ano de *1935*

mil e trezentos e cinco.

*Antes por Manuel de Sousa Carvalho, carreteiro, tendo sido preso*

morador em *Passaúol*

por transgressão das disposições do art.º 14.º do Edital do Governo Civil de Beja de 14 de Fevereiro de 1932

a que corresponde a multa de *sessenta escudos*, e sendo de *100* por *seu* *deito* *em* *transgressão* *do* *art.º* *14.º* *do* *Edital* *do* *Governo* *Civil* *de* *Beja* *de* *14* *de* *Fevereiro* *de* *1932*

por *transgressão* *das* *disposições* *do* *art.º* *14.º* *do* *Edital* *do* *Governo* *Civil* *de* *Beja* *de* *14* *de* *Fevereiro* *de* *1932*

que foi verificada por mim e por *João Baptista de Sousa*

*13.23* *de* *Beja* *em* *1935*, Comandante do *Posto* *de* *Passaúol*

manuado

Nota

50800

*Manoel de Jesus*

*50800*



**Auto de transgressão da GNR** instaurado a um grupo de nove homens, por não terem “licença especial da autoridade administrativa para cantarem na via pública”, segundo o art.º 14º do Edital do Governo Civil de Beja. Sobre cada um recaiu a multa de sessenta escudos. (Fonte: Autos de Transgressão de 16.06.1935, F/B, Pasta 1. Arquivo Histórico Municipal de Barrancos)

“Trabalho não nos arranjam  
Isto assim não pode ser  
Nós temos que trabalhar  
P’ra se queremos comer.

Rapazes tenham paciência  
Temos de seguir andando  
De noite por essas fragas  
Na vida do contrabando”.

(Barrancos/excerto da Estudantina de 1973, em “Estudantinas – danças carnavalescas na raia do Baixo Alentejo”  
URL: <https://culturaexpressiva.wordpress.com/2015/02/28/estudantinas-dancas-carnavalescas-na-raia-do-baixo-alentejo/>)



## “Camponês alentejano”

93. CAMPONÊS ALENTEJANO \*\*  
*Moda de protesto*

M. Giacometti  
Vidigueira: Beja  
1966  
F. Lopes-Graça

$\text{♩} = + - 76$

Ponto

128

Vidigueira

(...)

Camponês alentejano

Camponês agricultor

Tu trabalhas todo o ano

Dás produto ao lavrador

(...)

“Moda reivindicativa que denuncia sinteticamente a situação social de uma classe de camponeses sem terras, compelidos ao trabalho episódico por conta de outros, isto é, os lavradores latifundiários” (p. 316). Repertório do grupo coral “Os Ganhões de Castro Verde” (**Giacometti M. e Lopes-Graça, F. 1981. *Cancioneiro Popular Português, Circulo de Leitores*.**

URL: <https://www.youtube.com/watch?v=0aD4PMi2tKs>

### 3. Revolução de Abril e Reforma Agrária (1974/79)



Durante o processo revolucionário (1974-1976) os cantadores conquistaram as ruas e alargaram os espaços de actuação a comícios, manifestações e reivindicações dos trabalhadores, assumindo um papel de intervenção política. Neste contexto observa-se um surto de composições mais ou menos originais, o número de grupos cresce e surge o primeiro grupo coral feminino “Flores de Primavera” de Ervidel (Aljustrel), em 1979 (Santos, José Rodrigues dos, e Cabeça, Sónia Moreira. 2014. “Cante Alentejano: reingressos, redes de sociabilidade e espectacularização na construção de uma autonomia em democracia”. *Actas do VIII Congresso de Sociologia: 40 anos de democracias, progressos, contradições e prospetivas*).

## 4. “Refolclorização” – a emergência do local (1980/90)

O processo de “refolclorização” fomentado pelas autarquias e agentes culturais insere-se nos processos de construção da memória social, por meio de “elaborações cénicas sistemáticas de aspetos do passado, desprovidos de base de legitimação, devido às transformações sociais e culturais do mundo rural” **(Branco, Jorge Freitas. 1995. “Lugares para o povo: Uma periodização da cultura popular em Portugal”, *Revista Lusitana*, 13-14: 145-177)**

“El folklorismo puede definirse de manera muy general como aquel conjunto de actitudes que implican una valoración socialmente positiva de este legado cultural que denominamos "folklore". (...) El folklorismo, como fenómeno sociocultural, no se puede entender sin el trabajo y las ideas de los primeros estudiosos del folklore. Sin el concepto postromántico que se ha ido forjando sobre la cultura tradicional, entendida básicamente en oposición al ámbito culto y urbano, no existiría folklorismo, al menos tal y como actualmente lo conocemos” **(Martí i Pérez, Josep.1999. “La tradición evocada: folklore y folklorismo”. In Gómez Pellón, Eloy [et al]. *Tradición oral*. Sendoa: Universidad de Cantabria, Aula de Etnografía, pp. 81-108)**



Encontro de Cavaquinhos em Cernache, 2015



Festival de Bandas de Gaitas, Figueira da Foz, 2015

## 5. Afirmação do cante feminino (viragem do século XX/XXI)

As mulheres trazem para o Cante modas esquecidas, recriam tradições, dançam e organizam espectáculos, animadas de um forte sentido lúdico e participativo. O movimento de resgate de modas e criação de originais “promove uma visão holística do património cultural imaterial e uma nova compreensão da memória colectiva futura” (**Cabeça, S.M. e Santos, J.R. 2010. “A mulher no Cante Alentejano”, in *Proceedings of the International Conference in Oral Tradition, Concello de Ourense, Ourense, vol II, 31-38***)

O inquérito realizado pelo Instituto de Etnomusicologia de Lisboa em 1998 aos grupos de música tradicional dava conta da existência de 214 grupos de cante alentejano activos, dos quais dez eram femininos. O inquérito realizado aos grupos corais amadores pela Universidade de Aveiro em 2013 registou a existência de 42 grupos femininos (**Lima, Maria João. 2014. “Grupos de Cante Alentejano: um retarto a partir de dois inquéritos extensivos (1998-2013), in Pestana, Maria do Rosário, *Alentejo: vozes e estética em 1939-1940. Edição crítica dos registos sonoros realizados por Armando Leça, Tradisom***)



“Espigas Douradas”, Amareleja (1999)



“Flores Abril”, Granja (2006)



“Moças do Cante”, Cabeça Gorda (2014)



## 6. Resignificação e mundialização do Cante (2000-2014)

No ano 2000 um grupo de cantadores e de agentes politicamente implicados na defesa do Cante criaram a MODA - Associação do Cante Alentejano, com o objectivo de “divulgar, defender e dignificar o canto alentejano”, congregando uma parte significativa dos grupos corais em actividade no Alentejo e nas regiões de Lisboa e Setúbal. Em Serpa criou-se a Confraria do Cante Alentejano, presidida por Francisco Torrão, como promotores da candidatura do Cante iniciada em 2011.

Após a aceitação da candidatura na UNESCO (Março 2013) surgem novos discursos em torno do Cante: “o Cante hoje deve ser tido como um produto cultural, um património de inestimável valor, pertença colectiva de um povo e de uma região, e não mais uma manifestação etnográfica específica do proletariado rural” (**“Cante Alentejano: a evolução do conceito”, artigo de José Francisco Colaço Guerreiro, presidente da direcção da “MODA”, publicado no *Correio do Alentejo*, de 6.06.2013).**



URL: <http://www.cantoalentejano.com/v2/home.php>

## 7. O reconhecimento da UNESCO e os futuros possíveis

“A inscrição do Cante na lista representativa aumentará a autoestima e o orgulho de portadores da tradição individuais, dos grupos corais e das comunidades envolvidas neste modo de expressão. Irá ainda reforçar a coesão entre portadores de tradição locais e grupos corais e promover a colaboração entre indivíduos, grupos corais, instituições, investigadores académicos e o público em geral para salvaguardar e reforçar o património cultural imaterial. E também contribuir para suscitar o interesse dos jovens pelo seu património cultural e pela sua identidade. (...) A inscrição irá contribuir para desenvolver a criatividade tanto dos praticantes como dos compositores de outros domínios musicais. Em síntese, a inscrição do Cante ajudará a salvaguardar este património cultural imaterial, promovendo a diversidade cultural e a criatividade humana num mundo cada vez mais globalizado” (“Dossier UNESCO do Cante Alentejano”, consultável em: [http://casadocante.pt/pdf/A\\_TRADICAO\\_0.pdf](http://casadocante.pt/pdf/A_TRADICAO_0.pdf) ).



# Plano de Salvaguarda do Cante Alentejano

- Criar uma plataforma que facilite o trabalho em rede entre as instituições que estão ligadas ao *cante*, incluindo grupos, associações, instituições culturais, centros de investigação, aos níveis regional, nacional e internacional.
- Implementar um programa de publicação incluindo monografias sobre o cante, edições críticas de fontes primárias, gravações históricas, etc.
- Criar uma editora discográfica para o cante, que permita aos grupos gravar e divulgar o seu repertório.
- Criar um circuito de festivais para o cante e outros festivais de coros.
- Desenvolver uma plataforma digital através da qual as informações sobre o cante possam ser partilhadas entre portadores e investigadores do cante e o público em geral.
- Criar um Museu Virtual para o Cante.
- Criar uma exposição itinerante sobre o Cante.
- Criar acesso online à informação sobre eventos de Cante, utilizando o código QR.
- Promover o cante através de redes sociais online.

Fonte: <http://casadocante.pt/>



### III. Horizontes de expectativa para o Cante

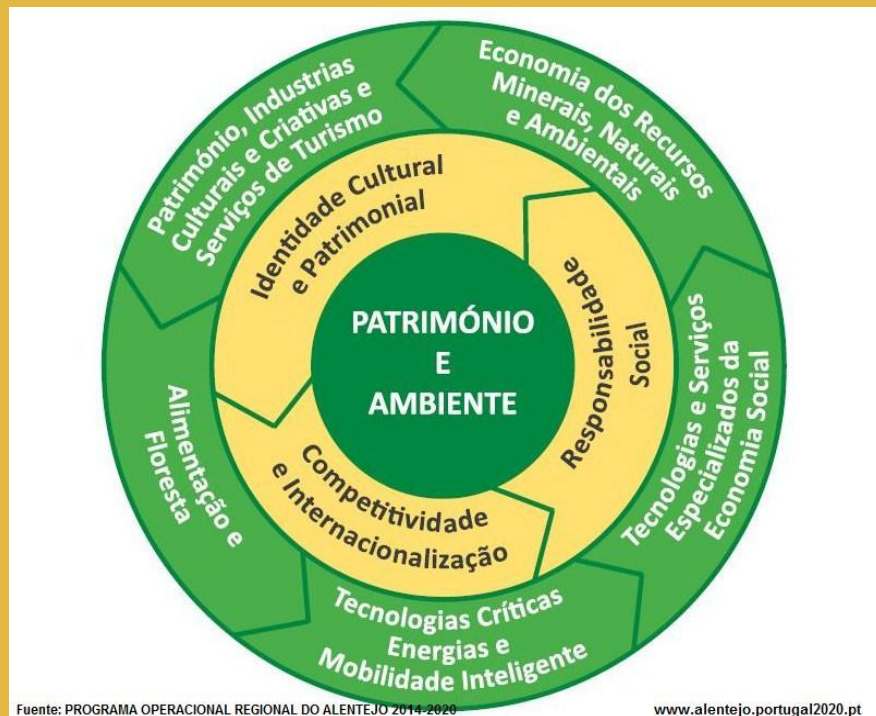


O horizonte de expectativa é o futuro presente, aquilo que pode ser previsto em função das experiências dos diversos agentes culturais. A expectativa funciona como uma projeção, ou previsão, que alia a análise racional da experiência com o desejo do devir. Mas as experiências podem modificar-se com o tempo e serem reconfiguradas diante de novas perspectivas possíveis. (Koselleck, Reinhart. 2006. *Futuro Passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos*, Rio de Janeiro: Contraponto, p. 310).





# Estratégia de desenvolvimento regional para o Alentejo (Portugal 2020)



Desígnios que enformam o planeamento estratégico dos fundos comunitários:

1. Atratividade económica, valorizando uma economia assente nos recursos endógenos e nas atividades emergentes de elevado índice tecnológico;
2. Valorização da identidade cultural e patrimonial;
3. Responsabilidade social.



Fonte: Portugal2020:  
<https://www.portugal2020.pt/Portal2020/Media/Default/Docs/EstrategiasEInteligente/ERI%20Alentejo.pdf>

## “Património, indústrias culturais e serviços de turismo”

### Recursos Endógenos:

Património etnográfico e de arte popular, com exemplos expressivos no artesanato e no **Cante (reconhecido recentemente pela UNESCO como Património Cultural Imaterial da Humanidade)** (p. 54).

### Características distintivas:

Vasto património imaterial presente nas comunidades: gastronomia, vinho, música, contos, sincretismo religioso (associado a tradições e locais de culto) e o **Cante (classificado recentemente pela UNESCO como Património Cultural Imaterial da Humanidade)** (p. 62).

### Vantagens Competitivas:

Reforço da visibilidade da região aos níveis nacional e internacional, **com destaque para o património (gastronomia, artesanato, música, poesia, Cante)** (pág- 63).

### Oportunidades:

**Crescente procura, nacional e internacional, por locais de interesse patrimonial**, relacionados com espaços e circuitos arqueológicos, arquitetónicos, artísticos e gastronómicos (pág. 63).

## Dados estatísticos dos municípios raianos (Baixo Alentejo)

Municípios	Moura		Barrancos	Serpa	Mértola
Freguesias	Amareleja	Stª Aleixo da Restauração	Barrancos	Vila Verde de Ficalho	Corte do Pinto
Área	108,34 km²	179,53 km²	168,42 km²	105,03 km²	70,69 km²
Nº Habitantes	2 564	793	1 834	1 459	797
<b>Indicadores Sociais (INE)</b>					
Pop. Por km2	15,16		1, 84	15,62	7,27
Hab/Médico	841		912,5	973,8	3.627,5
Índice de envelhecimento	148,9		185,4	206,7	377,9
Pop. c/ Ensino Superior	7,1%		5,9	7,5%	5,1%
Desemprego	19,9%		16,5%	20,5%	12%
Pensionistas da Seg. Social	42,3%		36,9%	42,6%	50,1%
Beneficiários de RMG e RSI	34%		20,4%	17,8%	11,2%

Quadro construido pela autora a partir de datos do INE – 2013

# Grupos corais na raia do Baixo Alentejo



Fonte: BejaDigital

**Amareleja:** Grupo coral masculino da Casa do Povo (1945)

Grupo coral feminino “Espigas Doiradas” (1999)

Grupo coral da Sociedade Recreativa Amarelejense (2007)

**Barrancos:** Grupo coral “Arraianos de Barrancos” (1940? desativado)

Grupo coral feminino “Vozes de Barrancos” (2015)

**Santo Aleixo da Restauração:** Grupo coral da Casa do Povo (1934)

Grupo coral feminino “Papoilas em Flor” (2002)

Grupo coral feminino “Sol da Vida” (2006)

**Vila Verde de Ficalho:** Grupo coral “Arraianos de Ficalho” (1937)

Grupo coral feminino “Flores do Chança” (2008)





1945



1999



2007

**Amareleja**



2015



2015

**Barrancos**



1934



2002



2006

**Santo Aleixo da  
Restauração**



1937



2008

**Vila Verde de Ficalho**

Dulce Simões - 2017

## “Homenagem ao Cante” Amareleja, Janeiro/2015

Organizado pelos grupos corais da Casa do Povo, com o apoio da Câmara Municipal de Moura e da Junta de Freguesia da Amareleja.

Com:

grupo coral masculino da Casa do Povo de Amareleja

grupo coral feminino “Espigas Doiradas” (Amaraleja)

grupo coral feminino “Cantares de Aljustrel” (Aljustrel-Mértola)

grupo coral "Os Seca Adegas" (Vila Ruiva)

grupo Infantil de música tradicional "Espigas do Alentejo" (Beja).

URL: <https://www.youtube.com/watch?v=jLy85Yn5AqM>







## “Homenagem ao Cante” ExpoBarrancos, abril/2015

A ExpoBarrancos é uma mostra de produtos DOP que atrai expositores e visitantes portugueses e espanhóis. O Cante Alentejano foi homenageado com a apresentação pública do grupo coral do Agrupamento de Escolas de Barrancos e com um espectáculo organizado pela Câmara Municipal no Cine Teatro. A vereadora da cultura agradeceu os grupos com uma placa comemorativa do evento. Participaram os grupos corais:

- “Vozes de Barrancos” e “Filhos da Terra” (Barrancos)
- “Flores do Chança” e “Arraianos de Ficalho” (Vila Verde de Ficalho-Serpa).



URL: <https://www.youtube.com/watch?v=yab72LpT6Po>



URL: <https://www.youtube.com/watch?v=pzErzJL51g8>

## “Homenagem ao Cante” Ovibeja, maio/2015

A 2 de Maio realizou-se o I Grande Encontro de Grupos Corais no Pavilhão Multiusos. Participaram uma centena de grupos corais e mais de 2.300 cantadores, entre os quais 600 cantadores residentes na área metropolitana de Lisboa, que viajaram propositadamente para o evento no designado “Comboio do Cante”, acompanhados pela comunicação social e uma delegação da Casa do Alentejo. Os cantadores interpretaram em uníssono cinco modas alentejanas previamente seleccionada pela organização: “Alentejo, Alentejo”, “Alentejo és nossa terra”, “Dá-me uma gotinha de água”, “Ao passar da Ribeirinha” e “Castelo de Beja”.







As organizadoras



O desfile



Despedida

## “Encontro de Grupos Corais” Vila Verde de Ficalho, Maio/2015

Organização Grupo Coral “Flores do Chança”.  
Apoios: Câmara Municipal de Serpa, Junta de Freguesia de Vila Verde de Ficalho e Caixa de Crédito Agrícola.

Grupos:

“Os Arraianos” (Vila Verde de Ficalho - Serpa)

“Ceifeiras de Pias” (Pias-Serpa)

“Madrigal” (Vila Nova de São Bento-Serpa)

“Rosas de Março” (Ferreira do Alentejo-Beja)

“Amigos do Cante” (Alvito - Beja)

“Flores do Chança” (Vila Verde de Ficalho- Serpa)

URL: <https://www.youtube.com/watch?v=hbX-gnXcill>



O jantar

**FESTA DO CANTO**  
nas terras do grande lago

# Monsaraz

**24 e 25 de julho**  
Tolliteira - Casa da Cultura

**Conferência**

## Práticas Musicais no Alentejo: A terra, as memórias e o património

<p><b>24 julho</b></p> <p><b>14:00</b> Orador principal: <b>Fernando Oliveira Batista</b></p> <p><b>15:00</b> <b>Práticas musicais e dinâmicas sociais</b> Diana Simões – “A antropologia do Cante Alentejano como estratégia de desenvolvimento sustentável”: discursos políticos e práticas culturais” <i>Nélia José Gomes</i> – “Práticas performáticas e revalorização no ‘Canto Alentejo’” <i>Paula Mendes</i> – “Práticas de canteiro e voz: ideologias, sentimentos e intertextos”</p> <p><b>17:00</b> <b>Práticas e perspectivas sobre o cante</b> Mário João Lemos – “Olhares de Cante alentejano: regularidades, dinâmicas e transformações identificadas em duas gerações etnográficas (1980 e 2015)” Ana Paula Costa – “A arte do canto de Alentejo: contexto, tradição e reconquistas contemporâneas” Isabela Nogueira – “A Nova Geração do Cante e as Manifestações sobre o Cante Alentejano”</p>	<p><b>25 julho</b></p> <p><b>18:00</b> <b>Práticas, ideologias e comunidades</b> Jorge Freitas Branco – “Cultura popular ou cultura pauperizada: enredos e posicionamentos” Luís Tago de Oliveira – “A prática do ‘Canto do Glorioso’”</p> <p><b>19:30</b> <b>Património e memórias</b> Eva Teus – “Cantos angolanos: a conta ao património no sul de Portugal” Rita Gonçalves – “Conservação e Património Imaterial: tendo em consideração a memória e o produto” Piazzini Cordeiro – “Sociedade Nacional do Património Cultural: ambiente, produção de conhecimento e medidas de salvaguarda”</p> <p><b>19:40</b> <b>Missa Redonda: O cante em Monsaraz: práticas, memórias e partilhas.</b> Celebração, detentores da tradição e ensaiadores de cante Montargal: <i>Jorge Freitas Branco</i></p>
---	---

---

Participam:

# FESTA DO CANTE

nas terras do grande lago

• GRUPO CORAL DA FREIXEIRA DE MONSARAZ

## GALA DO CANTE

"O CANTE... UMA HISTÓRIA DE VIDA"

25 DE JUNHO DE 2015 - 22H

LARGO D. NUNO ÁLVARES PEREIRA  
MONSARAZ

• GRUPO CORAL OS CEITEIROS DE COBA

• ALEITEIRO CANTANDO

• GRUPO CORAL OS ALMOCEIROS DA ARMEIDA

• MANUEL SERRA E JOSÉ MANUEL RAMÍREZ

Organização

Colaboração



Dulce Simões - 2017



## Casa do Cante – Serpa (Junho, 2017)



Num mercado de bens materiais e simbólicos, a própria constituição dos bens materiais associados ao Cante, enquanto objectos de consumo, exigem uma vestimenta apropriada, uma imagem de marca. “No campo simbólico, a realidade é o universo do facto editado, da verdade construída, do desejo sugerido e do consumo intensificado, enquanto prática cultural e parâmetro identitário” **(Harvey, David. 1989. *The Condition of Postmodernity: An Enquiry into the Origins of Cultural Change*, Blackwell: Cambridge MA & Oxford UK).**

# ALENTEJO UM POVO UMA CULTURA UMA REGIÃO

O reconhecimento da UNESCO pode produzir uma incomensurável paleta de “actualizações” e apropriações, que nos darão conta de dinâmicas transformadoras, opostas ou complementares, e de diferentes perspectivas traçadas pelos detentores e pelos promotores. Como cientistas sociais compete-nos “aclarar a diversidade de interesses e de colectivos que estão em jogo, incluindo os dos próprios antropólogos, os dos portadores da herança cultural e os das entidades envolvidas” (Cátedra, María. 1998. “La manipulación del patrimonio cultural: la Fábrica de Harinas de Ávila”. *Política y Sociedad* 27: 89-116).







“Arraianos de Ficalho”



“Flores do Chança”

O Cante na raia do Baixo Alentejo I – URL: <https://www.youtube.com/watch?v=Y8nYuiLaiRg>

O Cante na raia do Baixo Alentejo II – URL: <https://www.youtube.com/watch?v=WaRovqUwqag>

O Cante na raia do Baixo Alentejo III – URL: [https://www.youtube.com/watch?v=SeQe\\_f5XSSw](https://www.youtube.com/watch?v=SeQe_f5XSSw)

Projecto de investigação: “A cultura expressiva na fronteira luso-espanhola”

<https://www.youtube.com/watch?v=7xvS9okFXp4>